

“Os egípcios dizem que os deuses têm nariz chato e são negros, os trácios, que eles têm olhos verdes e cabelos ruivos.”

Xenófanes de Colofão, autor desta frase, viveu entre 570 e 528 a.C., ou seja, há mais ou menos 2.500 anos, época em que **Buda** viveu na Índia. Xenófanes foi um dos filósofos da Jônia, região da Grécia antiga, onde surgiu a filosofia. O primeiro grande trabalho dos filósofos foi demonstrar como a religião era relativa, inventada por cada povo de acordo com sua cultura. Se era inventada, a religião não poderia garantir a verdade. Para isso, desenvolveu-se a filosofia e as ciências, e, junto com elas, a democracia.

Com o fim do mundo clássico, a Igreja Católica e outras religiões dominaram a vida social por muitos séculos.

No século XVIII, um movimento cultural chamado **Iluminismo** retomou a crítica à religião, defendendo a razão como fonte segura para explicar o mundo e guiar a sociedade. Foi a época de **Voltaire**, de **Rousseau** e da **Revolução Francesa** (1789). Depois viria **Karl Marx** comparando a religião com a droga com sua frase: “A religião é o ópio do povo” (1843). Em 1859, **Charles Darwin** publicou *A origem das espécies*,

livro em que demonstrou a longa evolução dos seres vivos e do planeta, e derrubou a tese religiosa de que o mundo fora criado por alguma divindade. Depois de tudo isso, em 1882, o filósofo **Friedrich Nietzsche** arrematou: “Deus morreu. Nós o matamos”.

Apesar de todas essas denúncias, a religião continuou sendo uma realidade marcante para a humanidade, ainda nos séculos XX e XXI. Recentemente, ataques de terroristas fundamentalistas islâmicos, em Nova Iorque, Londres e Madri, produziram milhares de vítimas em nome de Alá. Nos EUA, fundamentalistas cristãos atacam laboratórios e cientistas. A derrubada das torres gêmeas, em 11/09/2001, levantou muitas questões: afinal, qual o papel e o valor da religião na sociedade contemporânea? Quais os limites da fé?

Na **sociedade pós-moderna**, em que vivemos, podemos optar por muitas coisas. Abre-se, então, um debate entre **cultura, religião e liberdade**.

A ORIGEM DO UNIVERSO

Sabemos que o Universo é o conjunto de tudo o que existe, desde as coisas pequenas e invisíveis, como os átomos, moléculas e micróbios, as maiores, como a Terra, o Sol e as galáxias, além dos seres vivos e a humanidade. A origem do Universo, que de acordo com alguns estudiosos aconteceu há aproximadamente 13 bilhões de anos, tem sido explicada desde a Antiguidade pela mitologia, pela religião e pela ciência. Como a vida surgiu? Por acaso, por evolução ou a partir de uma vontade superior? Apresentamos aqui algumas explicações que tentaram responder a essas e outras perguntas.

Evolução das espécies

O evolucionismo é uma teoria científica que pressupõe que as espécies que habitaram e habitam o nosso planeta não foram criadas independentemente, mas descendem umas das outras, ou seja, estão ligadas por laços evolutivos. Esta transformação, denominada **evolução das espécies**, foi apresentada e explicada por **Charles Darwin**, no seu tratado *A origem das espécies*.

A base da evolução biológica é a existência da variedade, ou seja, as diferenças individuais entre os organismos de uma mesma espécie. Na grande maioria das vezes, os indivíduos produzem uma grande quantidade de descendentes, dos quais apenas uma parte sobrevive até a fase adulta. As populações das espécies em um ecossistema em equilíbrio não crescem indiscriminadamente, os indivíduos são selecionados na natureza, de acordo com suas características. Frequentemente, menos de 10% da prole sobrevive. Os indivíduos que apresentam características vantajosas para a sua sobrevivência, como, por exemplo, maior capacidade de conseguir alimento, maior eficiência reprodutiva, maior agilidade na fuga de predadores, têm maior chance de sobreviver até a idade reprodutiva, passando estas características individuais vantajosas à sua descendência. Isso ocorre porque todas as características estão impressas nos genes do indivíduo. Este é o princípio da seleção natural de Darwin.

Darwin mostrou que a seleção natural tende a modificar as características dos indivíduos ao longo das gerações, podendo gerar o aparecimento de novas espécies.

A partir desta teoria, pôde-se estudar sob o aspecto evolutivo todo o parentesco entre os seres vivos da Terra, o que culminou em uma árvore genealógica da vida.

“De um início tão simples, infinitas formas, as mais belas e mais maravilhosas, evoluíram e continuam evoluindo.”

Charles Darwin

Criacionismo

O **criacionismo** é um termo que incorpora todas as crenças que atribuem ao divino a origem do universo e da vida. Não há uma única teoria criacionista, mas várias, conforme a religião e o livro sagrado que adota. As narrativas criacionistas não são argumentos científicos, elas expressam crenças. Na Bíblia, o livro **Gênesis** narra como Deus criou o mundo em apenas seis dias, tendo o sétimo dia para descansar. Hoje, a **teologia** considera este relato como algo simbólico, ou seja, uma história que não aconteceu do modo como está narrada. A doutrina criacionista da Bíblia é baseada na mitologia grega, em que o princípio de tudo está associado a um caos primordial e dele nasceram todas as coisas.

#Gênesis

(1450–1410 a.C.)
Do grego *Genesis* (origem, nascimento, criação). Primeiro livro da Bíblia, possui 50 capítulos e narra a criação do mundo na região onde é, atualmente, o Oriente Médio.

@gênesis: “No princípio criou Deus os céus e a terra”

#teologia

Do grego *theos* + *logos* (Deus + palavra, estudo). Teologia é o estudo sobre Deus (ou deuses) e as religiões. #Paulo @romanos, cap. 12, versículo 2: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”

#Charles Darwin (1809–1882)

Cientista britânico responsável pela criação da teoria da evolução das espécies. Principal obra: *A origem das espécies* (1859)
@Darwin: “Não é o mais forte que sobrevive, nem o mais inteligente, mas o que melhor se adapta às mudanças”

Big Bang

A hipótese do *Big Bang* é a mais aceita entre os cientistas atuais para explicar a origem do universo. “*Big Bang*” quer dizer “Grande Explosão” em inglês, mas o que foi que explodiu, se o universo ainda não existia?

Acontece que já havia partículas infinitamente pequenas, concentradas em um ínfimo espaço, similar ao tamanho da cabeça de um alfinete, movendo-se muito velozmente (mais ou menos na velocidade da luz). Toda essa energia acabou colidindo, esquentando e aumentando até que explodiu, expandindo-se por todos os lados e criando o universo. Apenas 8 bilhões de anos depois do *Big Bang*, ou seja, 5 bilhões de anos atrás, o Universo adquiriu forma, parecida com a que tem hoje em dia: grandes galáxias espalhadas pelo espaço, repletas de estrelas, gás e poeira.

Nessa mesma época, o gás na borda de uma das galáxias formou uma estrela muito importante, o Sol. Pouco tempo depois, em torno do Sol, o gás condensado restante formou os planetas, entre eles a Terra, que passaram a girar em torno do astro-rei, surgindo a Via-Láctea, galáxia com aproximadamente 100 bilhões de estrelas.

A teoria foi sugerida primeiramente pelo padre e cosmólogo belga Georges Lemaître (1894-1966), que propôs a ideia do universo ter tido um início repentino. Com o passar do tempo, a hipótese tomou forma e, em 1929, o astrônomo norte-americano Milton La Salle Humason (1891-1972) constatou um afastamento progressivo das galáxias mais distantes, caracterizando uma dilatação universal. Como conclusão natural desse fato descobriu-se que, se o universo está em expansão e está se distanciando, algum dia, há muito tempo, o universo esteve contido em um único ponto.

Neocriacionismo e neoateísmo

A tese chamada de **neocriacionismo** ou teoria do **desenho inteligente** defende que a natureza demonstra sinais claros de que foi desenhada por uma inteligência preexistente, ou seja, teria havido um planejamento inteligente, de outro modo a vida não poderia ter essa complexidade.

Os defensores desta teoria são chamados de neocriacionistas, porque eles têm um discurso científico – diferentemente dos criacionistas que partem dos livros sagrados e revelações divinas. Para eles a vida não tem nada de aleatória ou casual. A prova seria a complexidade dos organismos vivos: verdadeiras máquinas cujas partes independentes estão tão estreitamente interligadas que a ausência de um único componente é o bastante para impedir que elas funcionem.

Para o **neoateísmo** a questão sobre a origem do universo é satisfatoriamente tratada pela cosmologia física, em teorias como a do *Big Bang* e do evolucionismo. Os novos ateus condenam a crença em Deus e também o respeito pela crença em Deus. Segundo eles, a religião não está apenas errada. Ela é perversa. E isso é o que os diferencia dos ateus tradicionais. Embora usem palavras duras contra a religião, os neoateístas não se propõem a ser desrespeitosos. Seu público-alvo seriam aqueles que já pensam de forma cética e crítica a religião, com o objetivo fazê-los assumir o ateísmo e divulgar a descrença em Deus.

CRIACIONISMO E EVOLUCIONISMO: DEBATE

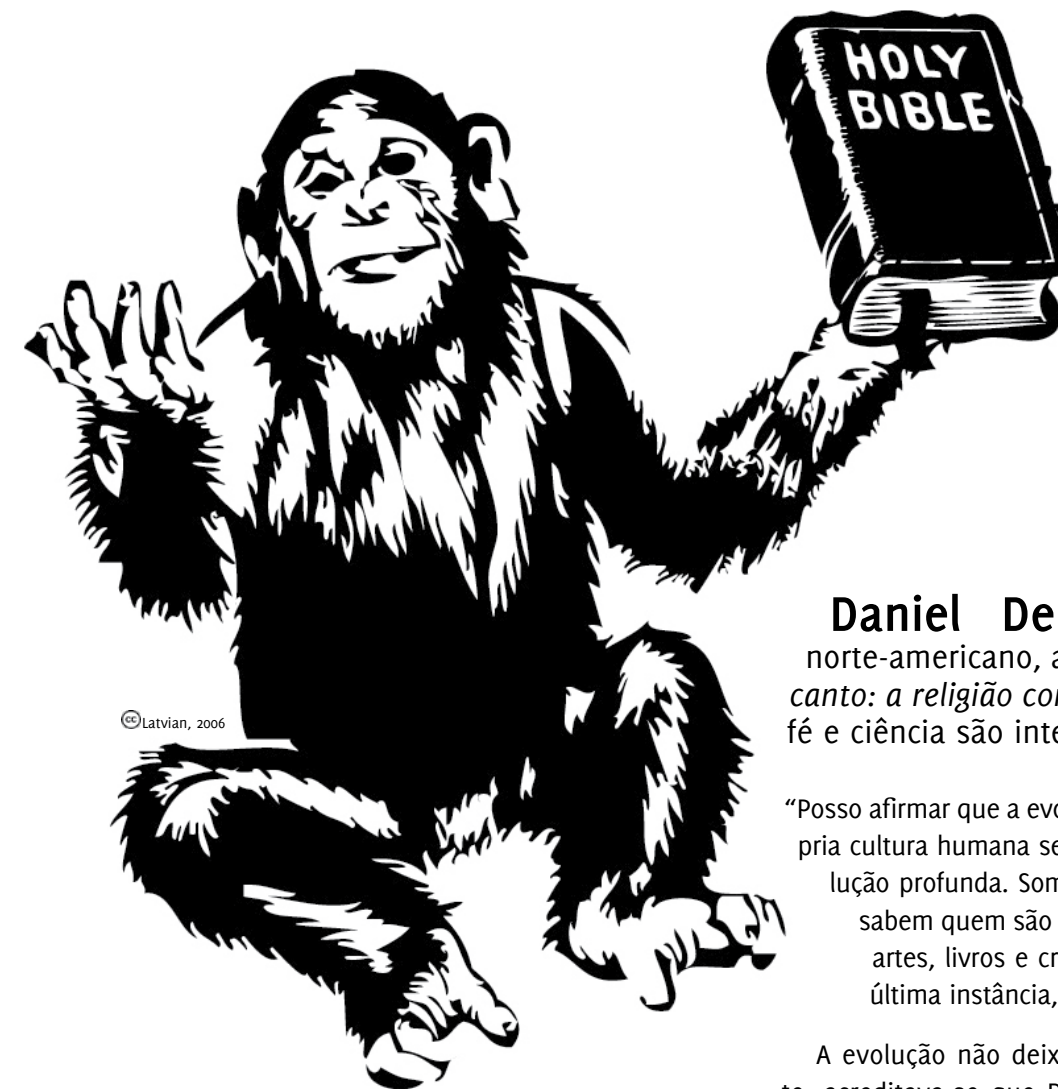
Criacionismo e evolucionismo são geralmente considerados incompatíveis. Quem acredita em Deus, supostamente, não poderia acreditar que todos os seres evoluíram sem intervenções divinas. Ao mesmo tempo, aparentemente, quem defende a seleção natural de Darwin não poderia aceitar que Deus seja o criador da vida. Contudo, alguns argumentos se cruzam. Dois cientistas seguidores de **Charles Darwin**, atuantes em áreas diferentes, explicam suas visões sobre a origem do mundo. Entre na discussão também.

John Haught, filósofo norte-americano, professor de Teologia da Universidade de Georgetown (EUA) e autor do livro *Deus após Darwin – Uma teologia evolucionista*, diz que Deus e Darwin são compatíveis.

“Considero que as descobertas e conclusões científicas de Charles Darwin, um dos mais brilhantes pensadores do mundo, ainda são percebidas por um grande setor da população mundial como irreconciliáveis com a ideia de Deus. Grande parte dessa desconfiança é devida aos biólogos evolucionistas, que, às vezes, apresentam ideias darwinianas de uma maneira simplista, colocando a ciência em oposição à fé. Muitas pessoas religiosas acreditam que são obrigadas a rejeitar a evolução – bem como outras ideias científicas – e, por outro lado, a teologia em geral deixou de pensar sobre Deus de uma maneira que levasse em conta o processo da evolução. Mas é possível pensar em uma teologia evolucionista. A compreensão de Deus que muitos de nós adquirimos em nossa formação religiosa inicial não é suficiente para incorporar a biologia e a cosmologia evolucionistas contemporâneas.

A teoria de um desenho inteligente divino que controla serenamente a natureza parece estar muito longe do perturbador retrato da vida proposto por Darwin. Os elementos do acaso, da luta pela sobrevivência, da seleção natural cega dos fortes e da eliminação dos fracos sugerem que a natureza pode ser implacável e impessoal, ao mesmo tempo em que também é espantosamente inventiva.

A teologia precisa permitir que a ciência vá tão longe quanto conseguir na explicação do surgimento da vida. Mas também creio que a biologia evolucionista ainda é apenas um nível de toda uma hierarquia de explicações necessárias para entendermos a história da vida com profundidade. A física, por exemplo, pode explicar a ordem e o projeto da vida de modo inteiramente adequado de um ponto de vista termodinâmico sem se intrometer em explicações biológicas, e a química também pode explicar a vida em seu próprio nível. E o mesmo se aplica à teologia. Ela tem um papel legítimo na explicação profunda da natureza da vida. Problemas só surgem quando especialistas pretendem que a sua explicação da vida seja a única adequada.”



Daniel Dennett, filósofo darwinista norte-americano, autor do livro *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural*, diz que fé e ciência são inteiramente incompatíveis.

“Posso afirmar que a evolução explica as nossas vidas. A própria cultura humana se transformou em uma força de evolução profunda. Somos a única espécie cujos indivíduos sabem quem são e que evoluíram. As nossas músicas, artes, livros e crenças religiosas são, todos eles, em última instância, um produto desta evolução.

A evolução não deixa espaço para Deus. Primeiramente, acreditava-se que Deus fez Adão e todas as criaturas com as próprias mãos, inclusive arrancando a costela de Adão

para fazer Eva. A seguir, trocamos esse Deus pelo Deus que coloca a evolução em movimento. E depois, sequer precisamos deste Deus – o decretador da lei –, já que com a cosmologia, ramo da Astronomia que se dedica ao estudo científico da origem do Universo, concluímos que existem outros locais e outras leis, e que a vida surge onde pode surgir. Nesse contexto, Deus vira apenas um mestre de cerimônias, não desempenhando mais papel algum no Universo.

Os cientistas naturais que são religiosos conseguem harmonizar a relação ciência x fé porque não buscam confrontá-las.

Segundo a religião, nós seríamos moralmente bons apenas para ser recompensados no céu. Ou seja, Deus nos pune pelos nossos pecados e nos recompensa pelo nosso bom comportamento. Eu acho que essa ideia faz de Deus algo como um protetor arrogante e ameaçador. Ela é ofensiva, já que sugere que esse é o único motivo pelo qual as pessoas agem de forma moralmente louvável. As próprias religiões são fenômenos culturais extremamente bem projetados que evoluíram para sobreviver.”

Religião, política e sociedade

diferente Unanimidade CONSENSO
divisão revolta xenofobia civil
Olhares crise imp

Estado laico

O **estado laico**, em oposição ao estado confessional, supõe a não interferência de qualquer organização religiosa no governo, seja no executivo, no legislativo ou no judiciário. O estado laico trata todos os cidadãos como iguais, tanto os crentes como os não crentes, garantindo a liberdade religiosa e de opinião, inclusive a liberdade de não seguir religião ou de não ter posicionamento sobre a existência de Deus.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, define a liberdade de religião e de opinião no artigo 18: *Todo o homem tem direito à liberdade*

de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

A liberdade de religião baseia-se essencialmente na separação entre Igreja e Estado, base da cultura política contemporânea. Entretanto, ainda há nações em que religião e Estado não estão separados, tais como o Vaticano, o Irã e quase todos os países árabes.

A polêmica proibição de símbolos religiosos na França

O filósofo francês **Luc Ferry**, quando ministro da Educação da França entre 2002 e 2004, introduziu a polêmica “lei do véu”, que proibiu que os estudantes franceses usassem símbolos religiosos nas escolas. A lei, válida para todas as religiões, teve especial repercussão entre os muçulmanos residentes na França que obrigam as filhas a usar véu. Os críticos afirmaram que a lei era um atentado à livre expressão religiosa, mas quem apoiou a proibição considerou-a uma proteção aos direitos humanos.

Para Luc Ferry, o fato por trás da polêmica do véu é a ausência de deveres na sociedade. “O homem de hoje está convencido de que tem muitos direitos, mas é inconsciente de seus deveres. Isso fica bem visível no sistema educacional. Se a escola é laica, não há por que utilizar símbolos religiosos ostensivos”, disse o então ministro.

Mas como fica a liberdade religiosa no estado laico? Para responder, Ferry prefere explicar o conflito de etnias da França: “Temos em nosso território a comunidade muçulmana mais importante da Europa e o terceiro maior grupo judeu do mundo (depois de Israel e Estados Unidos). Depois das campanhas dos palestinos contra o Estado de Israel, as crianças das duas comunidades começaram a brigar. Houve, entre 2001 e 2004, um aumento de 200% de ações antisemitas na França. O governo decidiu, então, proibir não os símbolos religiosos discretos, mas os agressivos, militantes”, diz ele.

#Luc Ferry (1951)

Filósofo e político francês, adepto do humanismo secular, propõe o uso da razão crítica em vez da fé na busca de respostas para assuntos que intrigam a humanidade (como o amor, a morte e a procura da felicidade).

Principal obra: *Aprender a viver* (2006)

@Ferry: “A lógica contemporânea do hiperconsumismo aumenta a insatisfação e nos incute medos cotidianos e recorrentes”



Persepolis, divulgação

Multiculturalismo

#hibridismo

Conceito associado à miscigenação de raças e à mistura de diferentes credos religiosos. É a expressão mais apropriada quando se quer abarcar diversas mesclas interculturais

Hibridismo, diversidade étnica e racial, novas identidades políticas e culturais, todos estes são termos diretamente relacionados ao conceito de **multiculturalismo**. Se a diversidade cultural acompanha a história da humanidade, o acento político nas diferenças culturais torna-se presente durante os processos de globalização das culturas. O termo multiculturalismo tem diversas interpretações. Pode designar simplesmente a coexistência e coesão social de diferentes culturas, etnias, religiões etc. dentro de um mesmo país, por exemplo. Ou também denominar diferentes políticas públicas como: as **antidiscriminatórias**, que tendem a assegurar um estatuto social igual ao dos membros de diversas culturas; as **identitárias**, que tendem a favorecer a expressão das particularidades de diversas culturas; e as **comunitárias**, que permitem a existência de estatutos (legais e administrativos) específicos para os membros de uma comunidade cultural específica. Multiculturalismo é também a teoria que busca compreender os fundamentos culturais de cada uma das nações caracterizadas por sua grande diversidade cultural.

Fundamentalismo

O **fundamentalismo** é a adesão rigorosa a um grupo de princípios fundamentais. Há fundamentalismo religioso, étnico, científico e dos mais diversos tipos. Os fundamentalistas acreditam em seus princípios como verdades absolutas, sem possibilidade de vir a dialogar ou reconsiderar suas perspectivas. O fundamentalismo religioso supõe que tudo o que está acontecendo no mundo real pode ser entendido pelo crente a partir dos livros sagrados. Por isso, prega que os textos e as ordens dos líderes religiosos sejam seguidos à risca.

O termo fundamentalismo surgiu no começo do século XX nos Estados Unidos, para denominar alguns grupos protestantes que pregavam ser a Bíblia infalível, pretendendo um retorno às posturas originárias do cristianismo, rejeitando a moderna visão científica da sociedade. Mas a expressão só preocupou o mundo em 1979, quando a Revolução Iraniana, que transformou o Irã em um Estado **teocrático**, levou o país a um retrocesso aos olhos do Ocidente, obrigando mulheres a cobrirem o rosto, proibindo festas, entre outros rigores. Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque, organizados pelo grupo Al Qaeda, reacenderam a preocupação com os fundamentalistas muçulmanos e provocaram novas guerras, no Iraque e no Afeganistão, para combatê-los.

#teocracia

Do grego *theos* + *kratos* (governo de Deus). Forma de governo em que os líderes políticos são os mesmos líderes da religião dominante e que as políticas de governo são idênticas ou fortemente influenciadas pelos princípios da religião dominante. #Teocracia @Ellen G. White: “Aqueles que se recusam a se submeter ao governo de Deus são totalmente incapazes de governarem a si mesmos”



#John Locke (1632-1704)

Filósofo inglês, considerado um dos líderes da doutrina filosófica conhecida como empirismo. Foi um dos precursores do liberalismo e do iluminismo

Tolerância, do latim *tolerare* (sustentar, suportar), é a capacidade de uma pessoa ou grupo social de aceitar, em outra pessoa ou grupo social, uma atitude diferente das que são a norma no seu próprio grupo. Na concepção moderna, é a atitude pessoal e comunitária face a valores diferentes daqueles adotados pelo grupo de pertencimento original.

Tolerância

Desde a Antiguidade clássica, defende-se que todo ser humano possui um conjunto de direitos fundamentais ou naturais imutáveis como liberdade e dignidade, baseado neste pressuposto que fundamenta a tolerância entre seres iguais por natureza. Historicamente, a intolerância está presente na esfera das relações humanas fundadas em sentimentos e crenças religiosas. É uma prática que se autojustifica *em nome de Deus*, adquirindo o status de “guerra santa” entre os que se odeiam.

Locke e a tolerância

No século XVI, quem era “tolerante” poderia ser acusado de indiferença religiosa, ou mesmo de subversão. A intolerância designava uma virtude. Foi, sobretudo, contra este argumento de que era papel do Estado procurar a unidade religiosa que o filósofo inglês – precursor do liberalismo **John Locke** (1632-1704), escreveu a *Carta sobre a Tolerância*, publicada em 1689, texto que trouxe argumentos decisivos na defesa da tolerância, largamente utilizados pelos iluministas no século XVIII e que subsistem, de certo modo, até hoje. O principal argumento político usado em favor da tolerância é a separação que deve haver entre Igreja e Estado. Ao fazer isso, Locke pretende delimitar qual é o lugar da autoridade política, quais os seus limites, e até onde ela pode interferir ao se tratar de cultos religiosos.

Deísta

Deísmo vem do latim *deus* e representa a postura filosófica de quem acredita em um Deus criador do universo. Entretanto, para o deísta Deus apenas criou as leis que regem tal universo, não interferindo na ordem natural das coisas, ou seja, ele não intervém no mundo.

Ateu

Os **ateus** negam a existência de Deus. A expressão ateísmo significa, em grego, *negação de Deus*, e foi criada no final do século XVI, período da **Inquisição**.

Agnóstico

Os **agnósticos** alegam a impossibilidade de provar a existência de Deus, independentemente de ele existir ou não. O termo agnosticismo, em grego *deus desconhecido*, é mais recente – a palavra é atribuída ao cientista inglês Thomas Henry Huxley (1825-1895).

#inquisição (1232-1859)

Tribunal eclesiástico criado para defender a fé católica: vigiava, perseguia e condenava suspeitos de praticar outras religiões. Instituída em 1232 pelo papa Gregório IX, vigorou até 1859. #Inquisição @Galileu: “Declaramos-te fortemente suspeito de heresia. Deverás renegar publicamente tuas teorias contrárias aos ensinamentos da Igreja”